O cativeiro como chave de leitura no Hino de Filipenses

À Nenuca, guerreira de Javé, que juntamente com suas companheiras de OAF (Organização de Auxílio Fraterno) soube acompanhar os servos sofredores nas ruas de São Paulo por mais de 30 anos.

INTRODUÇÃO

Quando lemos o Hino de Filipenses estamos mergulhando numa obra que reflete os diferentes mundos das primeiras comunidades. Um destes é o mundo do cativeiro, da escravidão.

Filipenses 2,6-11 parece ser mais antigo que seu contexto paulino e surge da comunidade judeu-cristã. A sua preocupação original foi a de descrever Jesus como escravo. E isso reflete um grupo significante dessa comunidade que pouco a pouco foi cedendo a outros grupos.

Se olharmos a escravidão no Brasil bem podemos sentir o que é ser arrancado da *terra-mãe África* para ser aniquilado. Esta experiência é nosso paralelo. É o que podemos comparar à história bíblica.

Um chefe yoruba, ao ser questionado em 1912 sobre a propriedade de um vale, respondeu: "Esta terra, eu acredito que pertença a uma grande família, da qual muitos membros estão mortos, alguns vivos, e a grande maioria ainda está para nascer".

A experiência primeira da escravidão era ser arrancado da sua terra e feito escravo. A próxima medida era produzir no escravo o esquecimento de sua negritude, de seus lares, de sua terra, de seus deuses, de sua cultura, para transformá-lo em vil objeto de escravidão. Portanto, coube ao próprio negro a memória do tráfico e da escravidão sob pena de distanciar-se da África e assim perder seu ponto de partida, seu presente, e mesmo seu futuro.

É nessa evocação que surgiu a memória do Deus dos escravos. Acreditamos que um Deus assim está por trás do Hino de Filipenses.

TRADIÇÃO DE ISAÍAS 53

Isaías 53 é pano de fundo para o Hino em Filipenses 2. Quando observamos Isaías 53 na tradução de T. Hanks[1], ficamos comovidos com a atualidade que ele conseguiu dar ao hebraico e à tradução do Cântico do Servo, evidenciando que este texto de Isaías é pano de fundo do Hino de Filipenses.

Então, como ponto de partida vamos ver a tradução que T. Hanks dá de algumas frases-chave do Cântico, para depois verificar de que modo este cântico de Isaías constitui uma das tradições que está na origem do Hino de Filipenses:

Isaías 53,4b: "Mas, o tínhamos como vítima de castigo (horror causado pela lepra), ferido por Deus e humilhado (violado)".

53,5: "Mas ele foi traspassado por causa das nossas transgressões (transgressão jurídica), foi esmagado (moído até o pó) em virtude das nossas iniqüidades (crimes). O castigo (termo penal) que havia de trazer-nos a paz, caiu sobre ele. Sim, por suas feridas (hematomas) fomos curados".

53,7: "Foi maltratado (desumanizado pela sobrecarga do tributo) mas humilhou-se (condição psicológica depois de um estupro) e não abriu a boca".

53,8: "Após detenção e julgamento (opressão judicial) foi preso".

53,10: "Mas Javé quis feri-lo (pulverizar) com enfermidade (dor física). Mas ele oferece sua vida como sacrifício pelo pecado" (sacrifício de reparação e culpa que se oferecia quando um sacerdote tinha declarado limpo, justificado, a um leproso e o tinha aspergido com sangue sacrificial).

53,11: "Após trabalho fatigante de sua alma, ele verá a luz e se fartará. Pelo seu conhecimento o justo meu servo justificará (sofrer as conseqüências penais do pecado; justificação forense: devolver os direitos perdidos) e levará sobre si as suas transgressões" (alienação amarga que resulta da rebeldia; substituição penal).

53,12: "Visto que entregou a sua alma à morte e foi contado com os transgressores, mas na verdade levou sobre si o pecado de muitos e pelos transgressores fez intercessão" (Não pecado moral senão "rebeldia"; transgressão: termo político que expressa a quebra de uma aliança entre súdito e soberano.)

Se observamos o Cântico do Servo, escrito no exílio, vemos que retoma o credo deuteronomista (Dt 26,5b-11) e o código da aliança (Ex 21–25). O mesmo vocabulário é utilizado, e a tradução de T. Hanks revela uma releitura do Deus dos escravos que primeiro aparece no livro do Êxodo (Ex 3,9; 23,9; 22,20-27 e 21,1-11). No exílio este projeto do Deus dos escravos do Êxodo é aplicado ao falido projeto monárquico, criticando-o.

1. Veja Thomas HANKS. *Pobreza y liberación*. Editorial Caribe, Miami, 1982.

O HINO DE FILIPENSES

Pois bem, vamos agora olhar o Hino de Filipenses:

Quadro 1

I(6)	Quem, apesar de sua condição ser divina, não se considerou sendo como Deus (igual a Deus). Uma coisa a ser explorada para lucro egoísta (como algo a se apegar ciosamente).	status original e atitudes
II(7)	Mas se fez impotente (esvaziou-se), adotando a condição de um escravo (servo), assumindo a semelhança dos seres humanos.	humilhação 1
III(8)	Sendo encontrado na forma humana, ainda se tornou objeto de vil desprezo (humilhou-se), sendo obediente até a morte (e até morte de cruz).	humilhação 2
IV(9)	Por isso Deus o sobreexaltou (grandemente) e o agraciou com o que está superior a qualquer outro nome.	exaltação
V(10)	Para que ao nome de Jesus todo joelho se dobre (no céu, na terra e sob a terra).	homenagem 1
VI(11)	E toda língua confesse que Jesus é o Senhor para a glória de Deus Pai.	homenagem 2

Agora, se comparamos este nosso hino com o Cântico do Servo, percebemos algumas semelhanças:

Quadro 2

Hino de Filipenses	Cântico de Isaías
2,9 Deus o sobreexaltou.	52,13 Ele será sobreexaltado.
2,8 Humilhou-se.	53,7 Foi oprimido mas não abriu a boca.
2,8 Obediente até a morte.	53,8 (LXX: Foi conduzido à morte.)
2,6 Esvaziou-se.	53,12 Derramou sua alma até a morte.
2,6 Que ao nome de Jesus deve dobrar ...e toda língua confessar...	45,23 Que a mim todo joelho dobrará, e toda língua jurará...

Parece que o cântico serve como pano de fundo para o hino. Na verdade, o hino é uma releitura do cântico.

O HINO COMO RELEITURA DO CÂNTICO

A palavra-chave dos dois textos é "servo" ou "escravo". Parece que um dos títulos mais antigos de Jesus seria este de um profeta escatológico, cujo sofrimento abria a nova era. Jesus teria sido um missionário itinerante carismático, cuja preocupação foi o Reino de Deus. Com a morte de Jesus, ele se revela o Messias entre esses grupos, cujo sofrimento traz o Reino de Deus escatológico. Para isso Jesus morre como servo/escravo.

Vejamos como possivelmente o cântico teria sido aplicado a Jesus.

Quadro 3

- Ele foi rendido sem poder como escravo.
- Ele foi feito um vil objeto de desprezo.
- Ele foi oprimido mas não abriu a boca.
- Ele foi levado à morte.
- Ele derramou sua alma até a morte.
- Mas ele será exaltado.
- Diante de Javé se dobrará todo joelho e toda língua jurará dizendo: "só em Javé há justiça e força".

Como vemos, aqui a preocupação não é com a divindade de Cristo. O que interessa é o Jesus naquilo que fez e naquilo que sofreu de parte de outros.

Tal interpretação de Jesus, que acentua suas características históricas, que o apresenta como servo sofredor numa linha de Isaías 53, certamente não foi

compartilhada por todos os grupos e comunidades. Outros grupos de judeu-cristãos enfatizavam a divindade e talvez viam a descrição de Jesus como servo/escravo como sendo humana demais.

Na verdade, o que o autor do Hino de Filipenses – aqueles que já antes de Paulo criaram o hino – fez, foi reler o cântico de maneira cristológica:

Quadro 4

1. Jesus tem condição divina.
2. Não considerou o ser igual a Deus
3. como algo a que se apegar ciosamente.
4. Mas esvaziou-se a si mesmo.
5. Assumiu ser a forma de escravo.
6. Assumiu ser humano.
7. Humilhou-se e foi obediente até a morte.
8. Deus o agraciou com o Nome que está sobre todo nome,
9. para que ao nome de Jesus todo joelho se dobre
10. e toda língua confesse: Jesus é o Senhor.

Eliminamos os acréscimos paulinos ("e digo, a morte na cruz" v. 8b; "no céu, na terra e debaixo da terra" v. 10c; "para a glória de Deus Pai" v. 11b).

Agora podemos ver a preocupação deste autor, deste que compôs o hino antes de Paulo.

Sim, Jesus foi escravo mas não qualquer escravo ("forma de escravo"). E este Jesus mantém o controle da situação. Ele se humilha. Ele assume ser escravo e humano. Ele se esvazia.

Se voltamos ao pano de fundo hebraico do hino, é possível ver como o sentido muda:

Pelo que se vê, as mesmas palavras que eram passivas no cântico antigo agora são ativas.

No cântico mais antigo, Jesus, o servo/escravo, é objeto; no hino, Jesus é o sujeito de seu ser-escravo (tem forma escrava).

O GRUPO JUDEU-CRISTÃO DO SERVO/ESCRAVO DE JAVÉ E OS GRUPOS DO HINO E DE PAULO

Por detrás do hino está um grupo judeu-cristão, para o qual o êxodo é muito importante; aferra-se a ele.

"Recorda que te tirei da casa de escravidão e te dei uma terra que não trabalhaste" (Dt 6,12).

"É para nunca deixar a memória do cativeiro morrer e quando os vossos filhos perguntarem é para contar-lhes como possuímos esta terra, sendo nossa justiça cumprir os estatutos e as normas da aliança" (Dt 6,20-25).

Lembrando que fomos escravos devemos proteger o direito do órfão e da viúva e deixar nossa roça aberta nas partes prescritas pela lei para alimentar os pobres" (Dt 24,17-22).

Essas leis que pretendiam direcionar a mal-sucedida Reforma de Josias em 621 aC favoreciam a memória do êxodo. Aí escravo/servo é chave de leitura e nos leva diretamente aos códigos do Deuteronômio e do Êxodo.

Em Ex 20,9-10 é garantido o dia do descanso do escravo.

Em Ex 13,8-10 a festa dos pães ázimos é para os filhos dos escravos. Nunca se esqueçam do que Javé fez!

Em Ex 22,1-11 temos leis sobre o tratamento de escravos.

Em Ex 23,14-17 temos festas que aparecem para garantir a memória.

O que estamos querendo dizer é que esta maneira de referir-se a Jesus como escravo, como o servo de Javé, com fortes relações com o Êxodo, revela-nos um grupo por trás do hino. Esse grupo representava o "caminho" que trazia consigo sofrimento e perseguição, e visivelmente estava aberto aos mais lascados com sua perspectiva de messianismo e escatologia.

Mas, no Hino de Filipenses Jesus não é tão "histórico". As cores do êxodo não lhe são tão próprias. O Jesus do hino tem mais características divinas que históricas.

No hino, Jesus aparece teologicamente mais privilegiado, o que se percebe no fato de que, nele, o ser-escravo não é ser ativo, mas passivo. Pois a graça de Deus se vale da fraqueza e do fracasso dos escravos para trabalhar.

E quando Paulo faz sua releitura do hino encontra-se preocupado com a questão de como o Cristo podia morrer numa cruz. Enquanto no texto anterior a Paulo o problema é como conciliar a humanidade de Jesus com o papel do salvador e o título de "Senhor", em Paulo o problema é como conciliar o "Senhor" com o "crucificado". Assim, de maneira apologética ele proclama o senhorio do escravo que morreu na cruz. Esta é sua impotência e humilhação (1Cor 1,23-24; Gl 3,13) que é "loucura" para os homens, mas "sabedoria" de Deus. Paulo proclama que o abaixado/elevado do hino é nada menos que "o crucificado... obediente até a morte" e "adorado no céu e na terra". A humilhação é glorificação do "crucificado". A preocupação de Paulo não é o fato que o Messias tinha que sofrer, mas que o sofrimento teria sido a morte de cruz. Ora, isto era "escândalo", e Paulo se viu obrigado a esclarecer: Sim, por mais que pareça que Jesus morreu como um simples escravo, isto serviu para "o plano de Deus" "no céu, na terra, debaixo da terra, para glória de Deus Pai".

RELEITURA SAPIENCIAL

Depois de olharmos a releitura paulina e a do autor do hino devemos falar também da sapiencial.

Jesus é a imagem de Deus como o proclama o hino. Conforme o Livro da Sabedoria, Deus cria o homem à sua própria imagem e natureza para a incorruptibilidade (Sb 2,23). A imortalidade é recompensada pela justiça (1,15). E a esperança da imortalidade é a do justo que sofre e morre antes do tempo. O justo oprimido se entrega nas mãos de um Deus que é criador (2,23) e que reina (3,8). Mesmo que o justo sofra, ele está em paz (3,3), porque ele compreendeu a verdade, e assim permanece no amor, na graça e na misericórdia (3,9). Esse conhecimento de Deus é justiça perfeita e a raiz da imortalidade (15,3). Ser justo é ser filho de Deus. Deus o assistirá e o libertará das mãos dos seus adversários (2,18).

O justo, ainda que morra cedo, terá repouso. Ainda que tenha vivido entre pecadores, Deus o amou (4,10). Deus o arrebatou (4,11). As multidões o vêem, mas não o entendem (4,14). O justo que morre condena os ímpios que vivem (4,16). Os ímpios vêem o fim do sábio sem compreender a vontade de Deus que pôs o justo em segurança (4,17). Os ímpios podem vê-lo com desprezo, mas o Senhor rirá deles (4,18), e logo se converterão em cadáveres desonrados e em ignomínia (4,19). Deus os jogará cabeça abaixo... e desaparecerá sua memória (4,19). Portanto, os ímpios serão julgados (4,20), e os justos estarão em pé em frente daqueles que os oprimiram e desprezaram (5,1). Os ímpios se converterão tomados de terrível pavor, chorando e gemendo (5,2-4). Reconhecerão que a vida do justo não era loucura, porque ele compartilhava a sorte dos santos (5,4-5). Reconhecerão que os justos recebem de Deus uma recompensa e que Deus cuida deles (5,15). Deus lhes dará uma coroa magnífica e os protegerá com sua direita e com seu braço (5,16). Irá vesti-los com a justiça, com armadura, capacete e escudo (5,17-19), e derrubará os tronos poderosos com seu sopro poderoso e ira implacável (5,20-23).

Pois bem, estas palavras do Livro da Sabedoria se evidenciam facilmente como uma releitura sapiencial do Cântico do Servo de Isaías que o autor do hino e mesmo Paulo aproveitam. Como explicar o justo que morre prematuramente? (Segundo a Sabedoria, o justo teria longa vida!) Este justo pobre é nada menos que o servo do cântico e o escravo do hino. Portanto, fica claro que, se considerarmos o pano de fundo do hino, Deus nunca quis a morte do justo. Deus quer a vida, e a recompensa de uma vida justa é a incorruptibilidade. Assim, o Livro da Sabedoria nos vai apresentar o justo, cujos direitos têm sido devolvidos e cujos escarnecedores ficam condenados no tribunal. Aqui, a sabedoria de Deus é loucura para os homens.

O CERNE DE UMA ESPIRITUALIDADE DE LIBERTAÇÃO

Vemos que, no final, nosso escravo se tornou teologicamente mais expressivo. Passamos de um Jesus vítima impotente e vil objeto de desprezo, para um Jesus Rei do Universo. A santidade deste último assume a corruptibilidade e mortalidade por vontade própria. O autor fala de condição humana, condição divina, forma de escravo, ser igual a Deus. O Jesus escravo por trás do hino é vítima da história e Deus o justifica. O Jesus escravo do hino é a sabedoria divina encarnada na natureza que envolve o homem interior e exterior. Para o primeiro, Deus interfere num destino ignominioso. Para o segundo, é uma escolha participante por direito da imortalidade divina. Esta é uma condição invejável. No início o escravo é joguete na mão dos ímpios, a quem Deus devolve os direitos no tribunal final, enquanto o segundo assume a "forma de escravo", que foi por iniciativa de Deus constituído Senhor do universo.

"É bom recordar que Portugal inaugurou a etapa das agressões na África quando em 1441 Antão Gonçalves levou a Portugal os primeiros cativos africanos."

Se fazemos do cativeiro e da escravidão nosso eixo de leitura bíblica, aliás, um eixo que coincide com a experiência latino-americana, fica bem claro nosso interesse no escravo do Hino de Filipenses. Uma postura fundamental como cristão então seria esta de escravo, isto é, que, deixados a nós mesmos, estamos perdidos. A graça só dá conta de trabalhar naquele que reconhece sua "impotência". Isto traz humildade, atitude dos "pobres de Javé". Na medida em que na luta pela libertação se elimina o "ego" pretensioso e mesmo poderoso, e se aprofunda na miséria do "eu" "escravo", aí se fica aberto para o trabalho do Espírito Santo nos escravos. Enfim, o projeto é dele. A força da fraqueza, a loucura da cruz, a vivência com os servos sofredores e o despojamento e partilha radical: aqui percebemos os desafios da sabedoria do "escravo". E é isso que é obrigação lembrar e nunca esquecer na nova terra.

Bárbara Kiener
Caixa postal 750
74001-970 Goiânia, GO

Geraldo Rosania
Caixa postal 673
74603-030 Goiânia, GO